

## **DESAFIOS DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO E DO DESMAME PRECOCE ENTRE LACTENTES: UM ESTUDO NO AMBIENTE ACADÊMICO**

Bruna Lays de S. Lira<sup>1</sup>, Danise Paula D. Coelho<sup>2</sup>,  
Mariana de Sousa N. Vieira<sup>3</sup>, Juliana Stephani de S. A. Crispim<sup>4</sup>,

<sup>1</sup> Universidade de Rio Verde - Goiânia, bruna.l.s.lira@academico.unirv.edu.br

<sup>2</sup> Universidade de Rio Verde - Goiânia, danisecoelho@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade de Rio Verde - Goiânia, mariananunes@unirv.edu.br

<sup>4</sup> Universidade Federal de Goiás, juliana\_crispim@discente.ufg.br

### **Propósito**

O aleitamento materno exclusivo (AME) promove diversos benefícios à saúde da mãe e da criança sendo recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) até o sexto mês de vida do bebê. Contudo, conciliar a amamentação com as atividades acadêmicas implica lidar com barreiras como a falta de apoio e flexibilidade das instituições de ensino e o aumento das responsabilidades maternas. Assim, a continuidade do AME, como preconizado, torna-se um desafio que pode levar ao desmame precoce. Diante disso, esta revisão propõe-se a caracterizar os desafios do AME enfrentados por lactantes no ambiente acadêmico, de forma a despertar a comunidade à necessidade de fomento à amamentação.

### **Revisão da literatura**

A literatura disponível apresenta uma série de fatores associados ao desmame precoce. Sendo a falta de apoio e ambientes adequados a ordenha e amamentação os pontos centrais dessa problemática. Estudos conduzidos em diversas partes do globo apontam para a necessidade de ampliação dos espaços, que pode ser traduzido em implementação de políticas de apoio à amamentação nas universidades.

A menção quanto a sobrecarga materna ao lidar com diferentes demandas no período de lactação também tem lugar de destaque na literatura. Logo, o desequilíbrio entre os deveres maternos e a cobrança da sociedade pela produtividade da mulher acabam por encurtar o AME, conforme evidenciado nessa revisão.

Não obstante, apesar das campanhas de incentivo ao aleitamento materno ainda faltam formas de incentivos às mulheres para exercerem seu direito de amamentar. Além disso, pouco se fala no impacto dessa decisão conflitante, do ponto de vista pessoal, principalmente na saúde mental da mulher. Tal argumento é fundamentado na escassez de estudos que avaliem o impacto psicológico e emocional do desmame nessas lactantes.

Assim, a literatura converge para demonstrar que, apesar de reconhecerem a importância da amamentação para o desenvolvimento da criança, as mães acadêmicas, dificilmente encontram condições favoráveis à continuidade do AME quando retornam às atividades, e consequentemente optam pelo desmame.

### **Procedimentos metodológicos**

Foi realizada uma revisão sistemática de literatura nas bases de dados: Pubmed e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) para coleta dos artigos relacionados ao tema, publicados no período de 2013 a 2023. Utilizou-se os descritores: “university” and “maternity” and “breastfeeding” and “student”. A busca resultou em 296 artigos encontrados na plataforma pubmed e 7 na BVS. Foram considerados como critérios de inclusão os artigos dos idiomas português, inglês ou espanhol que abordaram a temática sobre estudantes universitárias nutrízes, além da disponibilidade gratuita do texto. Foram excluídas teses e dissertações. Além disso, para coletar outros artigos relevantes, foi utilizado o Research Rabbit App, uma plataforma de pesquisa que faz uso de inteligência artificial para identificar e recuperar artigos acadêmicos pertinentes às consultas de pesquisa.

### **Resultados**

Foram selecionados 6 artigos, considerando os critérios delineados e a limitação da quantidade de referências para submissão do trabalho no evento científico Parent in Science. O ambiente pouco acolhedor e o estigma social da amamentação em público surgem como as principais barreiras, além da ausência de políticas de apoio à amamentação das instituições e a falta de creches nas universidades. Adicionalmente, a escassez de local adequado para a amamentação e/ou ordenha do leite limitam e até mesmo inviabilizam o AME.

De acordo com BELL et al. (2022) a continuidade do AME é afetada por barreiras de vários níveis, destacando-se o que se refere a ausência de espaços apropriados, seguros e confortáveis para ordenha e amamentação. Ainda de acordo com esse estudo, com base nas avaliações das salas de lactação, de acordo com os padrões de salas de lactação do American Institute of Architects, (AIA), 73% dos espaços foram considerados insuficientes em relação aos padrões de segurança e limpeza, e 45% foram considerados inadequados de em relação aos padrões de privacidade.

Segundo RANGEL et al. (2018), em um estudo envolvendo residentes de cirurgia, constatou-se que, embora a amamentação tenha sido considerada importante por 329 (95,6%) das entrevistadas, 200 (58,1%) a interromperam devido ao acesso limitado às instalações de lactação e às dificuldades em sair da sala de operações para extrair o leite. Isso evidencia os desafios enfrentados na conciliação entre as responsabilidades profissionais e a disponibilidade de tempo para a ordenha, resultando na interrupção precoce da amamentação para mais da metade das entrevistadas.

A revisão integrativa de GRANT et al. (2022) trouxe a insegurança como um fator determinante da longevidade na amamentação, colocando em evidência o constrangimento materno e o desconforto social da prática. Outra questão levantada nesse contexto de pesquisa foi a da sexualização dos corpos das mulheres, em que os seios são vistos como objetos de desejos sexuais, gerando desconforto da sociedade em geral em relação à sua exposição no ato de amamentar. Corroborando essa análise, BELL et al (2022) afirma que o estigma social sobre amamentar em público que as lactantes enfrentam, a falta de suporte do ambiente acadêmico, além da alta demanda das atividades escolares e/ ou laborais, causam desequilíbrio e sobrecarga sobre essas mulheres.

É necessário destacar que outros fatores também podem influenciar o desmame precoce, como os descritos por BROWN, et al. (2014): a fadiga materna, suporte insuficiente e dificuldades com a técnica da amamentação. No entanto, o retorno ao trabalho/academia aparece, mais uma vez, como fator de destaque para a interrupção da amamentação após as primeiras seis semanas de vida do bebê. Lamentavelmente, após o período desafiador do puerpério, as mulheres são compelidas a pararem de amamentar, para retornar às suas atividades sociais.

Um estudo conduzido por DINOOUR; BEHARIE, (2015), revelou que estratégias eficazes como a pressão sobre a administração universitária estabeleceu com sucesso a conclusão de um projeto de criação de um espaço dedicado à extração do leite materno para atender às necessidades das mães que amamentam em instituições acadêmicas dos Estados Unidos enquanto estavam no campus universitário, demonstrando que o engajamento e iniciativa na criação de uma sala de lactação são imprescindíveis.

Assim, torna-se imperativo melhorar as taxas de duração da amamentação exclusiva, encontrando soluções que auxiliem as mulheres a alcançar seus objetivos pessoais nesse sentido, como a expansão dos espaços de lactação e a implementação de políticas nos campos universitários que contribuem significativamente para melhorar as experiências de aprendizagem das mulheres, conforme exposto por SPATZ, (2019).

### **Implicações da pesquisa**

Em suma, fica evidente que a já conhecida pauta de incentivo a parentalidade responsável, incluindo o incentivo a amamentação, deve ser reforçada e enriquecida com políticas que subsidiem sua execução nas universidades. Evidenciou-se que questões como o desmame precoce e a sobrecarga no cuidado com os filhos pauta-se principalmente na falta de ambientes adequados, apoio insuficiente e a existência de um estigma social associado ao papel da mulher na sociedade.

Ademais, a consciência e conhecimento acerca dos seus direitos, enquanto gestante e nutriz, pode ser traduzida em um melhor planejamento de forma a atenuar a sobrecarga dessas mulheres. Assim, os resultados convergem para demonstrar que a necessidade de transformação do ambiente acadêmico deve ser prioridade nas universidades, para que as mulheres e lactentes possam desfrutar de seu direito à amamentação de forma plena e sem constrangimentos. Logo, compreender essas questões de maneira mais profunda e destacar a necessidade de desenvolver intervenções de apoio às nutrizes no ambiente acadêmico é essencial para evitar o desgaste desses estudantes e garantir a continuidade da amamentação de forma adequada.

## REFERÊNCIAS

Bell, E., Hunter, C., Benitez, T., Uysal, J., Walovich, C., McConnell, L., Vega, C., Cisneros, N., Hidalgo, L., Reyes Walton, J., & Wang, M. (2022). Intervention Strategies and Lessons Learned From a Student-Led Initiative to Support Lactating Women in the University Setting. *Health promotion practice, 23*(1), 154–165. <https://doi.org/10.1177/15248399211004283>

Brown, C. R., Dodds, L., Legge, A., Bryanton, J., & Semenic, S. (2014). Factors influencing the reasons why mothers stop breastfeeding. *Canadian journal of public health = Revue canadienne de sante publique, 105*(3), e179–e185. <https://doi.org/10.17269/cjph.105.4244>

Dinour, L. M., & Beharie, N. (2015). Lessons Learned from a Student-Led Breastfeeding Support Initiative at a US Urban Public University. *Journal of human lactation : official journal of International Lactation Consultant Association, 31*(3), 341–343. <https://doi.org/10.1177/0890334415571636>

Grant, A., Pell, B., Copeland, L., Brown, A., Ellis, R., Morris, D., Williams, D., & Phillips, R. (2022). Views and experience of breastfeeding in public: A qualitative systematic review. *Maternal & child nutrition, 18*(4), e13407. <https://doi.org/10.1111/mcn.13407>

Rangel, E. L., Smink, D. S., Castillo-Angeles, M., Kwakye, G., Changala, M., Haider, A. H., & Doherty, G. M. (2018). Pregnancy and Motherhood During Surgical Training. *JAMA surgery, 153*(7), 644–652. <https://doi.org/10.1001/jamasurg.2018.0153>

Spatz D. L. (2019). A Call to Action: The Needs of Breastfeeding Mothers on College and University Campuses. *MCN. The American journal of maternal child nursing, 44*(2), 117. <https://doi.org/10.1097/NMC.0000000000000514>